



Artigo Original

O PROCESSO MORTE-MORRER: DEFINIÇÕES DE ACADÊMICOS DE ENFERMAGEM

THE DEATH AND DYING PROCESS: DEFINITIONS OF NURSING UNDERGRADUATE STUDENTS

EL PROCESO MUERTE/MORIR: DEFINICIONES DE ESTUDIANTES DE ENFERMERÍA

Catarina Aparecida Sales¹, Patrícia Chatalov Ferreira², Vladimir Araujo da Silva³, William Tiago de Oliveira⁴, Sonia Silva Marcon⁵

A finalidade do estudo foi conhecer as definições dos estudantes de enfermagem acerca do processo de morte-morrer. Estudo descritivo, qualitativo, desenvolvido em 2010, junto a 65 acadêmicos do primeiro e último ano de Enfermagem de uma universidade pública. Os dados foram colhidos por meio de questionário, depois submetidos à análise de conteúdo. Os dados evidenciaram que os acadêmicos possuem opiniões variadas acerca deste processo, por vezes percebendo-o como natural, porém difícil de ser compreendido e aceito, especialmente porque traz dor, sofrimento, perdas e desestruturação familiar. Demonstraram, ainda, que não se sentem preparados para vivenciar a terminalidade de seus futuros clientes. Os resultados reforçam ainda a importância da temática ser abordada no início da graduação, em componentes curriculares ou atividades extracurriculares, de forma a oportunizar o desenvolvimento de sustentáculos necessários para vivenciar o processo morte-morrer dos clientes.

Descritores: Estudantes de Enfermagem; Morte; Tanatologia.

The purpose of the study was to know the definitions nursing students have concerning the death-dying process. A descriptive-qualitative study developed in 2010, with 65 students of the first and last year of Nursing in a public university. Data was collected through semi-structured interview and submitted to content analysis. Data showed that the students possess diverse opinions concerning this process, per times seeing it as natural however difficult to be understood and accepted, especially because it brings pain, suffering, losses and family unstableness. They also revealed that they do not feel prepared to experience terminality in their future customers. The results reinforce the importance of having the thematic approached in the beginning of the undergraduate course, in curricular components or in extra-curricular activities, in order to provide the development of necessary support to experiencethe death-dying process of the customers.

Descriptors: Nursing Students; Death; Thanatology.

La finalidad del estudio fue conocer las definiciones de estudiantes de enfermería acerca del proceso de muerte-morir. Estudio descriptivo, cualitativo, desarrollado en 2010, con 65 estudiantes del primero y último año de Enfermería de universidad pública. Los datos fueron recolectados por medio de entrevista semiestructurada y sometidos al análisis de contenido. Los datos evidenciaron que los estudiantes poseían opiniones variadas sobre este proceso, por veces percibiéndolo como natural, pero difícil de ser comprendido y aceptado, especialmente porque trae dolor, sufrimiento, pérdidas y desestructuración familiar. Demostraron, aun, que no se sentían preparados para vivir la terminalidad de sus futuros clientes. Los resultados refuerzan la importancia de la temática ser abarcada en el inicio de la graduación, en componentes curriculares o actividades extracurriculares, dando la oportunidad del desarrollo de sustentáculos necesarios para vivir el proceso muerte-morir de clientes.

Descriptor: Estudiantes de Enfermería; Muerte; Tanatología.

¹Enfermeira. Doutora em Enfermagem. Docente da graduação, Mestrado e Doutorado em Enfermagem da Universidade Estadual de Maringá. Membro do Núcleo de Estudos, Pesquisa, Assistência, Apoio à Família (NEPAAF). Maringá, Paraná, Brasil. E-mail: catasales@hotmail.com/ casales@uem.br.

² Enfermeira do Hospital Paraná. Maringá, Paraná, Brasil. E-mail: pattyatalov@hotmail.com.

³Enfermeiro. Mestre em Enfermagem pela Universidade Estadual de Maringá. Doutorando em Ciências pela Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo, Maringá, Paraná, Brasil. E-mail: vladimir_araujo_silva@hotmail.com.

⁴Enfermeiro. Mestre em Enfermagem pela Universidade Estadual de Maringá. Docente da Faculdade Uningá. Maringá, Paraná, Brasil. E-mail: oliveirawt@hotmail.com.

⁵ Enfermeira. Doutora em Filosofia da Enfermagem. Professora da Graduação e Pós-graduação em Enfermagem da Universidade Estadual de Maringá. Coordenadora do Núcleo de Estudos, Pesquisa, Assistência, Apoio à Família (NEPAAF). Maringá, Paraná, Brasil. E-mail: soniasilva.marcon@gmail.com.

Autor correspondente: Catarina Aparecida Sales

Rua Bragança, 630. Apto 501. Zona Sete. Maringá, Paraná, Brasil. CEP: 86020-220. E-mail: catasales@hotmail.com/ casales@uem.br.

INTRODUÇÃO

Desde a Antiguidade, a morte esteve presente no cotidiano do ser humano. Arelada aos costumes de cada civilização, ela passou a ser vivenciada de formas diferentes, despertando dor e sofrimento em sua trajetória. Acompanhamos uma busca contínua do ser humano por estabelecer as causas das doenças, principalmente das enfermidades consideradas "impuras", como a lepra e o câncer, que trazem em si a possibilidade da morte.

Para tentar explicar e compreender os mistérios da vida, a humanidade tem buscado respostas utilizando conhecimentos filosóficos, científicos e religiosos. E, dentre esses enigmas, com certeza a morte é o mais temível, pois traz em si a possibilidade do desaparecimento e da aniquilação do ser⁽¹⁾. Assim, a representação da morte para o ser humano foi culturalmente construída.

Nos dias atuais, as definições de morte mais aceitas são aquelas traduzidas pela parada das funções vitais e a separação do corpo e da alma. Nos tempos mais remotos, a cessação da respiração e das funções cardíacas era considerada como diagnóstico de morte. Hoje, o critério comumente utilizado é a avaliação da função cerebral, pois com os avanços da ciência e da tecnologia tornou-se possível a manutenção das funções cardíacas e respiratórias através de aparelhos, enquanto nada se pode fazer para manter as funções cerebrais responsivas⁽²⁾.

Em nossa realidade, convivemos constantemente com a morte, porém, com a morte do outro, anunciada nos jornais, nos rádios ou mesmo as mortes notificadas nas esquinas de nosso mundo. Assim, o ser humano se refere à morte utilizando-se da terceira pessoa para

caracterizar um acontecimento distante de si próprio⁽³⁾. No entanto, a morte não é uma alternativa entre tantas outras presentes no cotidiano do Ser humano, mas é a probabilidade mais concreta e extrema de seu existir-no-mundo, e como tal torna-se um impendente único na existência do Ser-no-mundo, a morte é em última instância, a possibilidade da impossibilidade pura e simples da presença, desvelada como irremissível e insuperável⁽³⁾.

Entretanto, a morte ainda tem sido vista como tabu, às vezes como tema interdito, podendo representar um sinônimo de fracasso profissional na sociedade ocidental, em que as pessoas procuram negá-la como se, existencialmente, a vida fosse dela desintegrada. A negação da morte é perceptível em todos os setores da sociedade, até mesmo entre os profissionais da saúde, que, na linguagem cotidiana, comumente referem-se a ela como óbito, evitando, desta forma, pronunciar a palavra morte.

Contextualizando esta conjuntura, um estudo exploratório documental sobre a temática na formação acadêmica de enfermagem, evidenciou que a morte, tratada com indiferença, resulta de um mecanismo de defesa capaz de manter os enfermeiros mentalmente sãos⁽⁴⁾. Surge, geralmente, como um fenômeno doloroso e difícil de ser apreendido, provocando reações conflituosas e impondo certos limites a quem luta sempre pela vida⁽⁵⁾.

Observa-se que ainda são poucas as instituições que oferecem aos alunos de graduação em enfermagem o conteúdo que versa acerca do processo morte-morrer. Contudo, acreditamos que as escolas de enfermagem devem ser responsáveis pela formação destes

profissionais, para que adquiram, além do conhecimento técnico-científico, habilidades para lidar com seus próprios sentimentos e utilizá-los de uma forma humanizada em seu cotidiano profissional. Seguindo este pensar, torna-se necessário subsidiar suporte emocional, desprendido de crenças religiosas e preconceitos acerca da morte, vislumbrando o paciente na terminalidade da vida, como um ser humano autônomo e protagonista de sua própria vontade, com direito a morrer com dignidade⁽⁶⁾.

Não obstante, a responsabilização pelo processo de formação profissional não é exclusivamente da academia, pois abrange a formação familiar e a estrutura do sistema educacional vigente, desde o Ensino Fundamental. Portanto, a academia deve tomar para si a responsabilidade de (trans)formar seus alunos em sujeitos pensantes e reflexivos e, sobretudo, oportunizar experiências assistenciais diante do processo morte-morrer⁽⁷⁾. Adverte-se que, em sua trajetória profissional, os enfermeiros cuidarão da pessoa na vida, na iminência de morte e na morte⁽⁸⁾.

Ressalta-se que, mesmo nos cursos cujas disciplinas abordam esta temática, os alunos necessitam de meditação e discussão a fim de se despirem dos pré-conceitos socioculturais ocidentais vigentes que os impedem de aceitar o processo de morte-morrer com naturalidade⁽⁴⁾. Assim, nesta pesquisa tivemos como objetivo conhecer as definições dos acadêmicos de Enfermagem acerca do processo de morte-morrer. Acreditamos que conceber a morte e o morrer, como parte da existência humana no contexto da formação dos futuros enfermeiros, significa resgatar o cuidado humano.

MÉTODO

Estudo descritivo, de natureza qualitativa, desenvolvido no ano de 2010, junto a 65 acadêmicos do 1º e 4º ano do curso de enfermagem de uma universidade pública situada no Noroeste da Paraná. O quesito para a exclusão foi a negação em participar do estudo.

A escolha por trabalhar com os acadêmicos do 1º e 4º ano se deu por entendermos que desde o início do curso os acadêmicos já começam a ter contato com instituições de saúde na condição de estagiários, o que lhes permite ficar frente a frente ou pelo menos tomar conhecimento de uma série de condições de vida e saúde experienciadas pelo ser humano, antes não-pensadas por eles. Os graduandos, por sua vez, foram incluídos porque no decorrer do curso devem ter tido oportunidade de vivenciar situações que envolveram o processo morte-morrer.

Para a coleta de dados, os sujeitos foram contatados no ambiente acadêmico durante o intervalo das aulas. Após a explicação da finalidade do estudo foi solicitada a anuência dos mesmos e em caso afirmativo agendou-se um horário, de acordo com a disponibilidade de cada estudante. O instrumento utilizado para coletar os dados constituiu-se de um questionário, contendo questões referentes à identificação sociodemográfica e uma questão aberta: "Como você define o processo morte-morrer"? Os questionários foram preenchidos manualmente pelos próprios participantes do estudo, de forma individual e em local privativo. Explicitamos ainda que, para manter o seu anonimato, os sujeitos foram identificados por S1, S2... S65.

Posteriormente, os dados referentes à identificação foram tabulados e as percepções dos sujeitos foram lidas de modo exaustivo e repetidamente, a fim de identificar as definições emergentes importantes e construir as categorias empíricas do estudo⁽⁹⁾. Finalmente, foi realizada a discussão final que relacionou os dados encontrados aos referenciais literários acerca da temática pesquisada, ou seja, ao processo morte-morrer.

Como se trata de uma pesquisa que envolve seres humanos, foram observados os aspectos éticos disciplinados pela Resolução 196/96 do Conselho Nacional de Saúde – Ministério da Saúde. A proposta de intenção para realização do estudo foi apreciada e aprovada pelo Comitê Permanente de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade Estadual de Maringá (Parecer nº 497/2010). Todos os participantes

assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, em duas vias.

RESULTADOS

A maioria dos acadêmicos era do sexo feminino, representando 94,1% do 1º e 93,5% do 4º ano. A idade variou de 17 a 26 anos no 1º e de 20 a 36 no 4º ano. Entre os ingressantes no curso, 61,8% eram católicos e 32,3% evangélicos, e entre os graduandos predominaram os católicos (70,9%). Os demais referiram outras religiões.

As diferentes manifestações acerca do processo morte-morrer foram agrupadas em dez temáticas, conforme exposto no Quadro 1.

Quadro 1 – Definições expressas pelos acadêmicos de Enfermagem do 1º e 4º anos, acerca do processo morte-morrer. Maringá- PR, Brasil, 2010.

Definições Emergentes*	1º Ano		4º Ano	
	N	Falas	N	Falas
Processo natural	28	<i>É um processo pelo qual todos irão passar um dia... (S55).</i>	23	<i>É um processo da vida, todos vamos morrer... (S21)</i>
Dor/tristeza/sofrimento	11	<i>É muito triste perder um ente querido e viver com tal dor (S42).</i>	18	<i>É um processo muito doloroso e de difícil aceitação. (S27)</i>
Passagem para outra vida	8	<i>E passar desta vida terrena para uma vida espiritual (S33).</i>	11	<i>Significa o desligamento da vida terrena para uma vida posterior... (S1)</i>
Desestrutura a família	4	<i>É um processo doloroso tanto para a pessoa que passa por esse processo quanto para os familiares (S39).</i>	9	<i>Desestrutura a família, principalmente se for uma morte precoce e/ou traumática. (S5)</i>
Processo difícil de ser compreendido e aceito	3	<i>Muitas pessoas não aceitam e sofrem muito. É um processo delicado e difícil de lidar (S56).</i>	5	<i>Por mais explicações que tenhamos a respeito dos seus porquês, ainda é um processo difícil de ser compreendido e aceito. (S12)</i>
Perda	6	<i>Significa perder a vida a qual ganhamos (S65).</i>	1	<i>É quando você perde alguém muito querido... (S6)</i>
Manifestações culturais e religiosas	4	<i>Significa viver eternamente com Jesus (S38).</i>	0	_____
Crescimento	0	_____	4	<i>É um processo difícil, natural, mas que trás crescimento. (S10)</i>
Medo	1	<i>As pessoas sempre temem esse processo (S53).</i>	2	<i>Todos vamos morrer, mas temos medo disso. (S21)</i>
Evento social e coletivo	0	_____	1	<i>A morte não é apenas um evento individual, mas sim social e coletivo. (S13)</i>
Desistência/derrota	0	_____	1	<i>É quando ela tem uma doença que não tem mais cura, mas ela luta para tentar viver. Quando ela desiste é derrotada pela doença. (S22)</i>

*Foram considerados mais de um significado

DISCUSSÃO

As concepções dos graduandos, concernentes ao processo morte-morrer, revelam a subjetividade de suas vivências. A maioria externou suas percepções, definindo-o como um processo natural, inerente à existência humana, ao ciclo da vida, destacando a dor, a tristeza e o sofrimento como sentimentos emergentes neste contexto. Nessa perspectiva, a morte representa o fim de uma existência, isto é, a morte faz parte de um ciclo natural iniciando-se com o nascimento, prosseguindo com o desenvolvimento e findando com a morte⁽⁹⁾. Mas, mesmo anunciada, a morte traz em si vicissitudes para todos, inclusive para os profissionais, conforme constatado no estudo realizado com dez enfermeiras que vivenciaram o processo morte-morrer de pacientes oncológicos. Embora todas tenham reconhecido que a morte faz parte da existência humana, mecanismos de defesa como negação, estresse, ansiedade e fuga se mostraram evidentes em seus discursos⁽⁵⁾.

É interessante notar que os sentimentos referidos por alguns dos entrevistados trazem a ideia de privação, isto é, destituição de algo ou alguém muito querido, ou seja, uma perda existencial na vida do ser humano. Concernente ao exposto, averiguamos que seis acadêmicos do 1º ano relataram que o processo morte-morrer representa a perda, ou seja, a privação de alguém ao seu lado.

Esta reflexão é corroborada com os resultados obtidos em estudo realizado em João Pessoa-PB, sobre como as pessoas definem as noções de perda, dor, morte e morrer, evidenciando que o sentimento de perda pode estar relacionado ao sentimento de ausência/afastamento ou desaparecimento/ruptura definitiva, que por sua vez parecem estar

acompanhados de tristeza. Na perda, o sentimento de aniquilamento provoca a ausência ou o desaparecimento de si mesmo, deixando uma lacuna que devasta a razão de viver ante a privação sentida⁽¹⁰⁾.

A morte e o morrer são fenômenos intrínsecos à existência humana. Entretanto, o temor de sua concretude pode ser subestimado ante à consciência desta temática⁽¹⁰⁾. Destarte, ainda que o significado de morte esteja relacionado a um processo natural, falar da finitude do ser humano envolve não apenas aspectos técnicos da morte, bem como aspectos afetivos e emocionais⁽¹²⁾. Nesse sentido, o medo e a frustração que emergem frente a esta situação podem, em última análise, justificar as condutas dos estudantes, uma vez que sentem dificuldades para pensar na própria morte, e consideram a morte de um paciente como uma perda decorrente de seu fracasso profissional⁽¹³⁾.

Configura-se ainda na definição dos acadêmicos, a noção de morte "como uma passagem para outra vida". Essa definição pode expressar um sentimento enredado em códigos religiosos, uma vez que uma grande porcentagem dos entrevistados é católica. Logo, a morte não representa em si o fim da existência, mas somente um afastar-se dos seres humanos e um unir-se a Deus. As opiniões dos entrevistados demonstram a ideia da imortalidade da alma, isto é, uma transição para uma vida melhor após a morte e, assim, podem ser traduzidas ou mesmo idealizadas como sinônimo de salvação⁽¹²⁾.

Corroborando com a percepção dos acadêmicos, constatamos que a vivência de enfermeiras no processo morte-morrer de pacientes oncológicos revela que a morte é frequentemente caracterizada como dor, perda, transição para a eternidade ou finitude⁽⁵⁾. Todavia, em

outro estudo que avaliou as representações dos acadêmicos de Enfermagem da Universidade Federal de São Paulo acerca das questões que envolvem a morte e o morrer, constatou-se que as definições como passagem incógnita, separação, finitude e etapa da vida, caracterizam maneiras utilizadas para enfrentar situações que envolvam a morte e o morrer⁽¹⁴⁾.

Faz-se importante notar que a subjetividade dos significados do processo morte-morrer emerge do contexto sociocultural e da história de vida de cada ser, podendo representar o fim da vida, uma passagem ou o início de uma nova vida, encontrando na fé e na religião subsídios para torná-lo mais aceitável e compreensível. Esta percepção dos acadêmicos sugere-nos que para eles a terminalidade humana é um evento que ainda desperta temor pela complexidade e estranheza que encerra⁽¹⁰⁾. Mesmo sabendo que a morte integra o ciclo evolutivo da vida, nossa capacidade de aceitar a finitude de nossa existência ainda é limitada.

As definições dos acadêmicos reportam-se ainda às vicissitudes suscitadas no seio familiar após a vivência do processo morte-morrer, sendo que quatro alunos do 1º e nove do 4º ano o percebem como um elemento que desestrutura a família. Contudo, a nosso ver, no que concerne aos acadêmicos do 1º ano, esta definição pode estar relacionada à inexperiência pessoal dos mesmos em conviver com situações de morte, e ainda à não vivência acadêmica da conjuntura de cuidado na terminalidade da vida, seja no ambiente hospitalar ou domiciliar.

Nesse contexto, quando a morte torna-se algo concreto no lar, a família se sente desorientada, e envolvida por sentimentos de angústia e dor. O luto se faz presente e a ausência do ente querido faz emergir em uma solidão existencial. Em seu cotidiano, os

familiares são confrontados com uma série de sofrimentos relacionados à perda, os quais em muitos momentos são difíceis de absorver de imediato. Assim, eles necessitam de um tempo para trabalhar suas emoções e traçar novas perspectivas de vida⁽¹⁵⁾. Cada membro da família parece vivenciar uma situação ambivalente de, ao mesmo tempo, se indignar por não ter a solidariedade esperada e por se encontrar só em seu sofrimento e de impor a si mesmo uma censura, recolhendo a sua dor para dentro de si, internalizando o seu sofrimento, tendo vergonha do seu estado⁽¹⁶⁾.

Examinando a literatura, encontramos em pesquisa realizada com acadêmicos de Enfermagem no campo de estágio, que eles não sabem agir ante o sofrimento imputado à família. Tal constatação levou as autoras a afirmarem que, em virtude da dificuldade de lidar com os sentimentos emanados ante a morte, as pessoas optam por limitar-se à tecnicidade e burocracia inerente ao cuidado, em detrimento de um envolvimento e uma aproximação com os familiares⁽²⁾. Com efeito, se os profissionais têm dificuldades em encarar a morte como parte do processo da vida, raramente conseguirão abordar este assunto com o paciente e, até com a família⁽¹⁷⁾.

Outro estudo revelou que os profissionais da saúde devem empenhar-se, acolhendo os familiares que acabaram de perder um ente querido, tendo atitudes simples, como ficar ao lado e deixá-los chorar, falar e até gritar, se necessário. Para as autoras, o importante é o profissional estar sempre à disposição do outro em momentos difíceis⁽¹⁸⁾. Este pensar é corroborado por outros estudos⁽²⁻⁵⁻¹⁵⁾, que enfatizam a importância do acadêmico de Enfermagem ser preparado para lidar com as questões suscitadas no doente e sua família durante o processo morte-morrer.

Algo difícil de ser compreendido e aceito também foi mencionado pelos acadêmicos, constituído por duas vertentes: a dificuldade de compreensão, que pode estar relacionada ao medo do desconhecido, a negação da própria finitude, inconformidade de sua iminência e concretude. Nesse momento, o ser humano fecha-se em si mesmo e não consegue entender sua própria condição existencial, negando a si mesmo a verdade que se descortina ao seu redor⁽¹⁹⁾. Deste modo, banimos do nosso cotidiano esse acontecimento que se denomina morte e valorizamos a juventude, a saúde e a imortalidade, favorecendo a ocultação da morte e por vezes a sua negação⁽²⁰⁾. O profissional de enfermagem, ao confrontar-se com o processo morte-morrer, apreende o quanto a vida é tênue e que essa realidade não é fácil de ser compreendida. E mesmo consciente de que a morte integra o ciclo vital, demonstra dificuldade em aceitá-la⁽¹⁰⁾.

Os alunos do 4º ano, e somente eles, também designaram o processo morte-morrer como um evento social e coletivo expressado por meio de manifestações culturais e religiosas. Esta concepção de morte e morrer parece refletir a experiência dos acadêmicos na ritualização da morte, referindo-se à presença dos familiares e amigos neste momento de despedida de seu ente querido e de condolências à família enlutada, pertinente aos dogmas de cada cultura e/ou religião. Ressaltamos, ainda, que esta percepção pode estar atrelada a um sentimento de ser e estar com o morto, como prolongar sua presença no mundo, haja vista que esta disposição sugere a continuidade de sua convivência no mesmo mundo. Afinal, é por meio deste mundo que os sobreviventes podem ser e estar com ele⁽³⁾.

É interessante mencionar que quatro estudantes do 4º ano definiram o processo morte-morrer como um acontecimento que traz "crescimento". Nesse sentido, conviver com a morte, segundo eles, pode proporcionar ao enfermeiro a condição de aprendizagem que extrapola a ciência e envolve os valores humanísticos da vida, resultando em crescimento pessoal, humano e profissional, mediante a possibilidade de amenizar o sofrimento do outro, ressignificando, assim, o cuidado no processo de morrer⁽¹¹⁾.

Pesquisa realizada sobre a mesma temática mostra que os acadêmicos de Enfermagem mencionaram que compartilhar a vicissitude existencial dos seres por eles cuidados é um fardo difícil de ser apreendido, pois se sentem angustiados ante o sofrimento a ser vivenciado. No entanto, a cada visita domiciliar que realizavam, a família que convivía com a terminalidade da vida em seu lar aprendia a importância do cuidado humanizado, do ato de escutar, do toque, da atenção e do estar-com-o-outro pleno de amor e compaixão⁽¹⁹⁾.

Diante das concepções dos acadêmicos, acreditamos que sua inserção em projetos de pesquisa e extensão que abordem o processo morte-morrer pode ser uma oportunidade de vencer suas limitações. Nessa perspectiva, as universidades têm a incumbência de elaborar estratégias com o intuito de prover o conhecimento necessário, ou viabilizar a expressão de sentimentos dos acadêmicos. Faz-se necessário ponderar que negligenciar tal abordagem no processo de formação implica em perpetuar o despreparo do futuro profissional em situações de morte⁽¹³⁾.

A nosso ver, a educação para a vida e para a morte edifica-se por meio de reflexões acerca da existência humana e da conformação de sua finitude,

pois a compreensão da própria morte e do próprio existir permite a projeção de possibilidades de ensinar a cuidar quando a morte sobrevém⁽⁸⁾. Refletindo sobre estas palavras, entendemos que só poderemos apreender o sentido de nossa existência, a partir do desvelamento dos mistérios da morte.

CONCLUSÃO

A realização deste estudo evidenciou que os acadêmicos de Enfermagem entrevistados possuem opiniões variadas acerca do processo morte-morrer, ratificando o pressuposto de que os sentimentos suscitados no decorrer da graduação, possivelmente, contribuem para que os mesmos não se sintam preparados para vivenciar o processo morte-morrer de seus futuros clientes.

Essas concepções levam-nos a refletir sobre a insipiência vivenciada pelos acadêmicos de Enfermagem da instituição pesquisada, no que se refere ao saber científico, filosófico e religioso que sustenta o processo morte-morrer. Tal desvelamento vai ao encontro dos estudos apresentados, enfatizando a importância de a temática ser abordada desde o início da graduação, pois os acadêmicos precisam ser preparados para vivenciar este processo e prover os cuidados a ele pertinentes.

Não obstante, averiguamos também que alguns acadêmicos do 4º ano vislumbram a morte como um fator que desestrutura a família, destacando a necessidade de prestar um cuidado humanizado aos pacientes em estágio terminal, bem como às famílias que acompanham este processo. Apreendemos que este pensar pode estar associado ao fato de eles participarem de projetos de extensão e pesquisa, que lhes possibilita a realização de visitas domiciliares a pessoas com doença crônica avançada e sua família.

Neste sentido, as percepções dos sujeitos possuem potencial para nortear as condutas dos docentes na busca de prepará-los para assistirem os pacientes e famílias que enfrentam a terminalidade da vida. No desenvolvimento de projetos, o docente tem mais espaços e oportunidades para discutir e sensibilizá-los para as questões que envolvem a morte e o morrer. Acreditamos que tal estratégia pode reduzir o impacto sentido ante a morte subsidiar recursos psicoespirituais próprios para o enfrentamento deste evento intrínseco à profissão desenvolver um olhar integral, sensível e humanizado do cuidado, respeitando o cliente e sua família em sua singularidade, valorizando os aspectos socioculturais e espirituais subjacentes.

Todavia, vislumbramos que esta estratégia, por enquanto, apresenta alguns obstáculos, visto que não consegue abranger todos os acadêmicos do curso, embora constitua uma iniciativa relevante cuja experiência vivenciada pelos integrantes destes projetos pode subsidiar a discussão da temática em sala de aula. Ressaltamos, ainda, a importância e urgência de incorporar a tanatologia e os cuidados paliativos, como disciplinas fundamentais, na estrutura curricular dos cursos da área da saúde, por afirmarem a vida e considerarem a morte um processo natural.

Consideramos oportuno também, apontar outras limitações do estudo, decorrentes de ter sido realizado em apenas uma Instituição de Ensino Superior (IES), contextualizado no tempo e espaço das vivências dos sujeitos envolvidos. Os resultados não permitem generalizações, mas podem ser utilizados em outras pesquisas envolvendo outras IES, contribuindo para aprofundar o conhecimento e a reflexão acerca da temática.

REFERÊNCIAS

1. Cassorla RMS. A negação e outras defesas frente à morte. In: Santos FS. Cuidados paliativos: discutindo a vida, a morte e o morrer organizador. São Paulo: Editora Atheneu; 2009. p.59-76.
2. Bernieri J, Hirdes A. O preparo dos acadêmicos de enfermagem brasileiros para vivenciarem o processo morte-morrer. *Texto & Contexto Enferm.* 2007; 16(1):89-96.
3. Heidegger M. Ser e tempo. 16ª ed. Rio de Janeiro: Editora Universitária São Francisco; 2006.
4. Santos JL, Bueno MV. Death education for nursing professors and students: a document review of the scientific literature. *Rev Esc Enferm USP.* 2011; 45(1):265-9.
5. Sousa DM, Soares EO, Costa KMS, Pacífico ALC, Parente ACM. A vivência da enfermeira no processo de morte e morrer dos pacientes oncológicos. *Texto & Contexto Enferm.* 2009; 18(1):41-7.
6. Kubler-Ross E. Sobre morte e o morrer. São Paulo: Ed Martins Fontes; 2008.
7. Oliveira WIA, Amorim RC. A morte e o morrer no processo de formação do enfermeiro. *Rev Gaúcha Enferm.* 2008; 29(2):191-8.
8. Pinho LMO, Barbosa MA. The professor-student relationship in coping with dying. *Rev Esc Enferm USP.* 2010; 44(1):106-11
9. Minayo MCS. O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde. São Paulo: Hucitec; 2007.
10. Koury MGP. Como os habitantes da cidade de João Pessoa, Paraíba, definem as noções de perda, dor, morte e morrer. *Rev Bras Soc Emoç.* 2009; 8(23):491-522.
11. Moro CR, Almeida IS, Rodrigues BMRD, Ribeiro IB. Desvelando o processo de morrer na adolescência: a ótica da equipe de enfermagem. *Rev Rene.* 2010; 11(1):48-57.
12. Combinato DS, Queiroz MS. Um estudo sobre a morte: uma análise a partir do método explicativo de Vigotski. *Ciênc Saúde Coletiva.* 2011; 16(9):3893-900.
13. Vargas D. Morte e morrer: sentimentos e condutas de estudantes de enfermagem. *Acta Paul Enferm.* 2010; 23(3):404-10.
14. Oliveira JR, Brêtas JRS, Yamaguti L. A morte e o morrer segundo representações de estudantes de enfermagem. *Rev Esc Enferm USP.* 2007; 41(3):386-94.
15. Silva MRB, Borgognoni K, Rorato C, Morelli S, Silva MRV, Sales CA. O câncer entrou em meu lar: sentimento expressos por familiares de clientes. *Rev Enferm UERJ.* 2008; 16(1):70-5.
16. Koury MGP. Ser discreto: um estudo sobre o processo de luto no Brasil urbano no final do século XX. *Rev Bras Soc Emoç.* 2010; 8(96):256-90.
17. Rodrigues IG, Zago MMF. Cuidados paliativos: realidade ou utopia? *Cienc Cuid Saúde.* 2009; 8(supl 1):136-41.
18. Lana SO, Passos ABB. Preparo dos acadêmicos de enfermagem no processo de morte e morrer. *Rev Enferm Integrada.* 2008; 1(1):80-90.

Sales CA, Ferreira PC, Silva VA, Oliveira WT, Marcon SS

19. Sales CA, Silva MRB, Borgognoni K, Rorato C, Oliveira W. Cuidados paliativos: a arte de estar-com-outro de uma forma autêntica. Rev Enferm UERJ. 2008; 16(2):174-9.

20. Sales CA, Violin MR, Waidman MAP, Marcon SS, Silva MAP. Sentimentos de pessoas ostomizadas: compreensão existencial. Rev Esc Enferm USP. 2010; 44(1):221-7.

Recebido: 30/10/2012
Aceito: 08/04/2013